

## **FOLHETO: uma rica e acessível tecnologia à disposição da escola**

*Luci Hildenbrand (FaEL-NUTE/PROEG/UNIG)*

De acordo com Rabaça e Barbosa (1987), folheto é qualquer publicação não periódica cujo número de páginas varie de 05 (cinco) a 48 (quarenta e oito), excluindo-se da contagem suas respectivas capas. A literatura, entretanto, mostra que não há consenso em torno desta ou de qualquer outra definição. Assim, cabe apresentar outras delas: enquanto para Ribeiro (1983), folheto também pode ser compreendido como "obra de poucas folhas, quase sempre brochada, menor que livro. Brochura, opúsculo, panfleto. Nas bibliotecas brasileiras vai, em geral, até cem páginas" (p.335), para Craig (1980), trata-se de uma peça impressa dotada de uma ou mais dobras, onde cada uma de suas seções apresenta-se como se fosse página completa. Admite que, quando os folhetos dispõem de poucas páginas, em geral, as mesmas são grampeadas.

Craig (1980) ainda lembra que folhetos podem receber outras denominações, como por exemplo, boletins, circulares ou panfletos. No entanto, ressalta que, na verdade, estes nomes pouco dizem acerca da maneira pela qual o material fora dobrado ou mesmo das características gerais que possui.

Preocupados com a maior delimitação do conceito, Rabaça e Barbosa (1987) sugerem ao leitor consultar ainda a decodificação de outros cinco termos: livro, prospecto, volante, folder e boletim. Na obra "Dicionário de Comunicação", os autores registram que:

- ✓ a distinção entre livro e folheto tem a ver com o número de páginas: segundo a Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 delas;
- ✓ o termo prospecto refere-se a um pequeno impresso em folha única que, dobrado ou não, apresenta mensagem publicitária ou informativa sobre o uso de certo produto ou serviço;
- ✓ a palavra volante designa o impresso que é tirado em folha avulsa, dobrado ou não, e contém anúncio, circular ou manifesto. Em geral, folhetos atingem o grande público a partir de sua distribuição pelas ruas, lojas e outros pontos de grande circulação;
- ✓ a discriminação entre boletim - publicação periódica que se destina à divulgação de atos oficiais e governamentais, de atividades de órgãos privados etc (p.78) - e jornal ou revista deve-se ao seu menor formato, ao estilo redacional e à produção gráfica que pode ser mais simples.

Desta maneira, os autores entendem que prospectos e volantes sejam variações comuns dos folhetos e que, em outras situações, a adoção do termo seria inapropriada.

Sant' Anna (1987) explica que, ante as maneiras pelas quais atingem o público e veiculam suas mensagens, folhetos podem conter textos mais extensos e de maior riqueza de detalhes, o que confere à tecnologia condição especial no convencimento do leitor.

Para o especialista, muitas vantagens atribuídas a este tipo de mídia, destacando, dentre outros, a sua elevada seletividade, no tocante ao atingimento do segmento populacional pretendido; a sua evidente flexibilidade, pois incorpora peças de comunicação que veicula podem

ser de qualquer tipo, formato e tamanho, e a sua maneira direta de chegar ao receptor sem ter que fazer uso de tratamento pessoal.

## ANOTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Professores são profissionais que sabem criar novas dimensões de uso para distintos materiais com que se deparam no cotidiano; talvez a desfavorabilidade das condições de trabalho – via de regra, bastante freqüente - tenha, ao longo do tempo, contribuído em parte para isto. Sendo assim, sempre buscam descobrir em que medida determinado elemento pode se fazer presente no trabalho educativo desenvolvido. Não seria absurdo pensar que alguns professores disponham de folhetos relacionados à sua área tendo em vista a utilização em sala, ou que os consigam com certa facilidade, se tiverem tal propósito. Afinal, não desconhecem o potencial da atraente e acessível tecnologia frente aos desafios da educação escolar. E, além disto, têm certeza de que facilmente identificam as funções pedagógicas que o meio pode cumprir no contexto do ensino-aprendizagem.

Imaginemos, agora, que a escola disponha de folhetos relacionados à higiene pessoal, em razoável quantidade, e que o conteúdo abordado seja compatível com as questões discutidas em educação. De imediato, virá à memória que tais materiais poderão ser aproveitados no trabalho da área de Ciências ou, quem sabe até, no de Língua Portuguesa, fornecendo tema de redação. A princípio, talvez não ocorram muitas idéias iluminadas; talvez nem mesmo o personagem Sugismundo seja lembrado. Mas há outras possibilidades de uso pedagógico do material?

A falta de higiene pessoal ou, mais amplamente, as decorrências das precárias condições de Higiene para a vida humana podem, de certo, ser objeto de estudo e de investigação de outras áreas do currículo escolar. Como tal assunto poderia ser explorado pelos profissionais de Geografia e História? E a equipe de Matemática, como participaria da discussão? Seria viável considerar que professores de Matemática, por exemplo, tomassem dados estatísticos para trabalhar as habilidades de leitura de gráficos? Seria, ainda, oportuno reconstituir os dados numéricos, de modo a permitir

operações cognitivas diversas, como as que subjazem à construção dos gráficos? E a Educação Artística, teria dificuldades para propor atividades a partir do tema? Músicas e filmes gravados em vídeo poderiam incrementar a compreensão da temática?

De certo, as respostas já foram apresentadas por cada professor-leitor deste texto. As possibilidades de uso da tecnologia são imensas, mesmo se não estiverem consorciada a outras. Com uma máquina fotográfica em punho, os alunos poderiam, em outro momento, documentar a higiene do ambiente que circunda a área da escola, do mesmo modo que, de prancheta no braço, poderiam vistoriar as condições de limpeza dos banheiros que se utilizam. Outras ações poderiam ser concebidas, inclusive envolvendo o alunado – sabemos que isto aumentaria significativamente seu comprometimento com o trabalho.

Se, por razões adversas, nada mais dinâmico puder ser viabilizado, então, pode pensar na montagem de um novo mural temático: tesoura, jornal velho, cola e papel pardo nas mãos são o bastante para dar bom fechamento à prática de ensino.

Enfim, não há fórmulas para tornar rico aquilo que se faz a não ser saber amar e valorizar a nossa empreitada. Lançar-se em projetos novos com a garotada – de qualquer nível e grau – sempre resulta na colheita de bons frutos. Temos que ter claro que folhetos são apenas meios capazes de auxiliar à chegada da educação ao ponto pretendido, por isso não devemos esquecer a

máxima lembrada por Paulo Freire e Myles Horton no título de uma obra de educação: “o caminho se faz caminhando”

### **Referências Bibliográficas:**

CRAIG, James. **Produção gráfica**. 2. ed. São Paulo: Mosaico, 1980.

SANT'ANNA, Armando. **Teoria, técnica e prática da propaganda**. São Paulo: Pioneiras, 1989.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.